

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF FABIANO MARTINS CARVALHO

O EURASIANISMO E A RETOMADA DO PROTAGONISMO GEOPOLÍTICO RUSSO
NO PÓS-GUERRA FRIA

Rio de Janeiro

2023

CF FABIANO MARTINS CARVALHO

O EURASIANISMO E A RETOMADA DO PROTAGONISMO GEOPOLÍTICO RUSSO
NO PÓS-GUERRA FRIA

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM-1) Peçanha.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

**ASSINATURA PELO GOV.BR
(LOCAL DA CHANCELA)**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao término da mais importante etapa deste curso. Agradeço a Deus pela saúde, família, amigos e pela resiliência necessária para concluir este trabalho acadêmico. Agora, é hora de agradecer às pessoas mais importantes, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivaram e inspiraram ao longo da minha vida acadêmica.

Aos meus saudosos avós, Frederico e Irene, pelos cuidados diários e por todo o amor dedicado; aos meus pais, Jorgelino e Marisa, por serem exemplos de retidão, dedicação e pelo sacrifício feito para me proporcionarem os meios necessários a fim de chegar até aqui. À minha terceira mãe, Márcia, por todo o apoio, carinho e amizade. À minha irmã Thaís e minha sobrinha Helena, pela parceria, carinho e amizade; aos demais familiares: tios, tias, primos e primas, aqui representados pelo Patriarca Tio Hélio, minha amizade e gratidão por cada oração, cada palavra amiga e cada sorriso compartilhado. Sou muito grato por tê-los em minha vida!

Agradeço profundamente a amizade e companheirismo de todos os integrantes da turma do CEMOS-2023, a toda tripulação da Escola de Guerra Naval, em especial ao seu corpo docente, que nos acompanhou em cada atividade visando a melhor formação possível.

Expresso minha profunda gratidão aos meus mentores acadêmicos, em especial ao meu orientador CMG (RM-1) Peçanha, cuja sabedoria e orientação foram uma fonte constante de inspiração, sempre direcionando essa navegação para uma singradura segura.

Por fim, agradeço imensamente ao meu filho e melhor amigo, Ismael. Sua compreensão, incentivo, apoio e inspiração foram primordiais para alcançar cada objetivo parcial e culminar com mais esse importante momento. Você é o melhor filho do mundo! Papai te ama!

A conclusão desse trabalho não representa um ponto final em relação ao assunto estudado, ao contrário, foi apenas um ponto de partida para que eu pudesse angariar conhecimentos para uma melhor compreensão sobre a Geopolítica russa pós-Guerra Fria.

Dessa forma, agradeço a você, leitor, e o convido a se aventurar nas páginas dessa dissertação. Espero que esse material possa servir como fonte de consulta para futuros

trabalhos e ajude de alguma forma a construir o conhecimento acadêmico, impulsionando a busca por respostas ainda mais completas.

RESUMO

Após a dissolução da União Soviética em 1991, o mundo passou por uma notória modificação da Geopolítica e das Relações Internacionais. Entretanto, o término da possibilidade do holocausto nuclear entre as duas superpotências foi substituído por novas ameaças e conflitos gerados devido aos choques civilizacionais. Ao contrário do que se pensava, o *Hegemon*, vitorioso sobre o comunismo, foi incapaz de auxiliar a reestruturar a Federação Russa de forma mais imparcial, como havia feito com o Japão, após a Segunda Guerra Mundial. Portanto, o trauma soviético acarretou numa relegação à retomada do protagonismo russo mesmo no cenário regional. As lideranças de Moscou rapidamente perceberam as intenções do ocidente e retomaram os valores eurasianistas, buscando recuperar o protagonismo no Sistema Internacional. Esse processo foi desencadeado com a chegada de Putin à presidência da Rússia no início do século XXI e sua adoção de políticas nacionalistas, o país readquiriu sua proeminência e importância nas relações internacionais, algo que havia sido diminuído na década de 1990. A alteração da postura meramente diplomática para o uso da força foi notória nas campanhas da Geórgia em 2008, Crimeia em 2014 e Ucrânia em 2022. Dessa forma, a geopolítica de Putin e Medvedev, alicerçada no Eurasianismo de Dugin, investiu sob a área de influência soviética, em detrimento do avanço significativo da OTAN para Leste, aumentando as tensões sobre a possibilidade de um conflito global.

Palavras-chave: Alexandr Dugin. Eurasianismo. Federação Russa. Geopolítica. Pós-Guerra Fria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Teoria do Rimland	16
FIGURA 2 – O Cáucaso	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CEI – Comunidade dos Estados Independentes
- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- OCX – Organização para a Cooperação de Xangai
- RPD – República Popular de Donetsk
- RPL – República Popular de Luhansk
- UEE – União Econômica Eurasiática
- URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA AO NEOEURASIANISMO	12
2.1	Teorias geopolíticas clássicas	12
2.1.1	O pivô geográfico	12
2.1.2	As pan-regiões	14
2.1.3	O poder do <i>Rimland</i>	16
2.2	Eurasianismo	17
2.3	Princípios básicos da plataforma doutrinária eurasianistas	19
2.3.1	Atlantismo	19
2.3.2	Globalismo	19
2.3.3	Neoeurasianismo	19
2.4	A visão de futuro do mundo	20
2.5	A visão da evolução do Estado	21
2.6	A divisão de Poderes	22
2.7	A Economia	23
2.8	A Religião	24
2.9	A questão nacional	24
3	A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NO PÓS-GUERRA FRIA	26
3.1	A dissolução da União Soviética	26
3.2	A postura geopolítica russa no novo século	28
3.3	As revoluções coloridas	32
3.4	O conflito no Cáucaso	34
3.5	A Ucrânia e a sua importância na estratégia euroasiática	38
4	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema da geopolítica da Federação Russa no período pós- Guerra Fria, tendo como espaço temporal a ser examinado desde a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ocorrido em 26 de dezembro de 1991, o até o conflito em andamento na Ucrânia.

O objetivo será verificar a relevância das teorias geopolíticas e como estas influenciaram a estratégia contemporânea de reintegração internacional desse Estado, bem como sua atuação no Sistema Internacional nesse período.

A relevância do tema é premente fruto da ressurgência da Rússia no cenário internacional, especialmente para responder às seguintes questões:

a) A atual invasão militar russa na Ucrânia tem suas origens no pensamento geopolítico eurasiático?;

b) Tal conflito possui um cerne ideológico ou seria uma mera postura expansionista do Kremlin, atrelado ao seu desejo de retomar sua área de influência?;

A presente pesquisa parte da hipótese de que a atual política externa russa pode ser mais bem compreendida por meio da visão neoeurasiático. Essa teoria se baseia na combinação de ideias clássicas de diferentes estudiosos, como Mackinder e a rivalidade entre poderes terrestres e marítimos, Haushofer e suas pan-regiões, e Brzezinski, que considera a Rússia como o coração da Eurásia e o centro das forças terrestres, que adota uma postura de antiglobalização e anti-hegemônica.

Essa teoria revela um plano estratégico, geopolítico e de integração econômica, que visa estabelecer uma nova Rússia multiétnica, um pouco mais aberta à diversidade religiosa, promovendo alianças externas e reforçando eixos geopolíticos estratégicos, além de buscar expandir sua influência regional (SOUSA, 2012).

É notável o papel do pensamento geopolítico eurasiático na formulação da política externa adotada pelo país no século atual. Anteriormente, a Rússia buscou se alinhar ao ocidente nos anos 1990, mas acabou frustrada pelos interesses imperialistas ocidentais se voltando para essa abordagem, que ganhou maior destaque durante o governo de Putin. Com a nova postura, observou-se uma combinação mais assertiva de mecanismos de *soft power* e *hard power*. O Kremlin buscou preservar sua influência em organizações como a Comunidade

dos Estados Independentes (CEI), a União Econômica Eurasiática (UEE) e a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX), concomitantemente recorreu ao uso de força e de medidas mais enérgicas, como evidenciado nos conflitos na Geórgia, em 2008, e nos eventos ocorridos na Ucrânia, em 2014 e 2022.

O pensamento geopolítico está intrinsecamente ligado à política externa, aos eventos políticos e à organização territorial de um Estado (CURSINI, 2018).

Visando comprovar a hipótese proposta e de responder às indagações apresentadas, utilizaremos a técnica de pesquisa bibliográfica. Por meio dessa análise, buscaremos compreender as perspectivas de estudiosos ocidentais e russos, como Zbigniew Brzezinski, e principalmente Alexandr Dugin, para visualizar o cenário pós-soviético e identificar os princípios geopolíticos adotados por Moscou.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi o principal adversário dos EUA durante a Guerra Fria (1947-1991). A economia e a sociedade soviéticas estagnaram nas décadas seguintes ao governo de Stalin, até que o secretário-geral Mikhail Gorbachev (1985-91) introduziu a *glasnost* (abertura política) e a *perestroika* (reestruturação econômica) em uma tentativa sem sucesso de modernizar o comunismo (UNITED STATES, 2023).

Após a turbulência econômica e política durante o mandato do presidente Boris Yeltsin (1991-99), a Rússia mudou para um estado autoritário centralizado sob o presidente Vladimir Putin (2000-2008, 2012-presente), no qual o regime busca legitimar seu governo por meio de eleições controladas, populismo e apelos a uma política externa focada em aumentar a influência geopolítica do país e um crescimento econômico baseado em *commodities* agrícolas, minerais e principalmente energéticas (UNITED STATES, 2023).

Após o colapso soviético, o país conseguiu uma notável recuperação econômica, em parte devido ao sistema educacional, científico, esportivo e militar que foi preservado desde a era comunista. No campo artístico, uma nova geração de cineastas e músicos revitalizou o cenário cultural do que é conhecido como o "Mundo Russo". Internacionalmente, o país recuperou parte de seu prestígio perdido após a dissolução da URSS, conseguindo rechaçar a presença dos Estados Unidos em sua antiga esfera de influência soviética, como visto nas intervenções militares russas na Geórgia em 2008 e na Ucrânia em 2014. Além disso, o país foi escolhido para sediar eventos importantes, como os Jogos Olímpicos de inverno em Sochi (2014) e a Copa do Mundo de Futebol em julho de 2018 (SERVICE, 2015).

No entanto, o país ainda enfrenta resquícios de um sistema político autoritário, repressivo e centralizador, evidenciados pelos mandatos do presidente Vladimir Putin (2000-2008 e a partir de 2012). Além disso, existem problemas sociais persistentes, como baixa taxa de natalidade, alta criminalidade, corrupção generalizada, altos índices de alcoolismo e pobreza, além de hostilidade em relação a minorias e a opositores políticos. Somente a partir de 2013 essas questões começaram a ser discutidas abertamente e gradualmente revertidas. (SERVICE, 2015).

Em 2014, a Rússia anexou a Península da Crimeia da Ucrânia, bem como duas grandes porções ucranianas orientais. Em combates inconstantes nos oito anos seguintes, mais de 14.000 civis foram mortos ou feridos como resultado da intervenção russa no leste daquele país. Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia intensificou seu conflito com a Ucrânia ao invadir o país em várias frentes, no que se tornou o maior ataque militar convencional a um Estado soberano na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

A invasão recebeu condenação internacional quase universal, e muitos países impuseram sanções ao agressor e forneceram ajuda humanitária e militar à Ucrânia. A Rússia obteve ganhos substanciais nas primeiras semanas da invasão, mas subestimou a determinação e as capacidades de combate ucranianas. Até o final de 2022, as forças ucranianas recuperaram todos os territórios no norte e nordeste de seu país e fizeram alguns avanços no Leste e no Sul. No entanto, a Rússia no final de setembro de 2022 declarou unilateralmente sua anexação de quatro regiões ucranianas – Donetsk, Kherson, Luhansk e Zaporizhzhia – embora nenhuma estivesse totalmente sob controle russo. As anexações permanecem não reconhecidas pela comunidade internacional.

Portanto, essa pesquisa tem como propósito analisar a geopolítica da Federação Russa sob a liderança centralizada de Vladimir Putin, examinando-a em termos de seu crescimento econômico, suas relações políticas internacionais e suas posturas militares. Além disso, é importante destacar que nosso interesse em estudar a Rússia decorre de seu papel de destaque na geopolítica global.

Dessa forma, a compreensão da geopolítica russa requer a consideração do pensamento social russo, com destaque para a Teoria Neo-eurasiana de Dugin como elemento central dessa interpretação.

Assim, na primeira etapa do capítulo teórico, será apresentada a análise dessa teoria, abordando os fundamentos teóricos clássicos. Na sequência desse capítulo, analisaremos o

Eurasianismo, revelando as semelhanças entre essas escolas. Finalmente, após a apresentação das bases para a compreensão dos acontecimentos atuais na Eurásia, serão apresentados seus vetores geoestratégicos como forma de análise do posicionamento geopolítico russo.

2 DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA AO NEOEURASIANISMO

Cada período histórico possui seu próprio conjunto distinto de referências: políticas, ideológicas, econômicas e culturais. No século XX, o ponto de ruptura interna russa foi entre os "vermelhos" e os "brancos" e suas abordagens estratégicas conflitantes em relação a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, com destaque para a estratégia adotada pelos Bolcheviques e o subsequente Tratado de Brest-Litovski, o qual retirou o país do conflito e propiciou o desenvolvimento da Revolução de Outubro. No século XXI, a oposição global será entre os "atlantistas", que apoiam o "globalismo unipolar" e os "eurasianistas" (DUGIN, 2012).

Assim, Dugin introduz o principal confronto ideológico global. Evidenciado no século atual, principalmente no conflito hora em andamento entre a Federação Russa e a República Popular da Ucrânia.

Entretanto, tomaremos como ponto partida as análises das teorias clássicas até o Neoeurasianismo para verificar as bases da geopolítica russa.

2.1 Teorias geopolíticas clássicas

Segue uma abordagem dos geopolíticos clássicos e alguns de seus conceitos fundamentais, tais como: a Área Pivô, as Pan-Regiões, a importância do *Rimland* e seu confronto com o *Heartland*.

2.1.1 O pivô geográfico

O conceito de poder terrestre surge a partir da análise geopolítica do espaço físico, com Halford Mackinder (1861-1947) sendo seu principal proponente. Mackinder, um britânico e defensor das causas imperiais de seu país, concentrou-se em contrastar a abordagem seguida pelo Reino Unido, conhecida como poder marítimo e o poder terrestre, centrado na área pivô (*Heartland*). Estabelece uma hierarquia entre as regiões geográficas,

apontando uma extensa região eurásiana com uma população significativa e recursos naturais suficientes para se desenvolver de forma autossuficiente e exercer domínio sobre outras regiões (TOSTA, 1984).

O “pai da teoria do Poder Terrestre” temendo uma aliança russo-alemã, trouxe um novo ponto de vista impactante: a Europa Ocidental não seria mais o epicentro do planeta, e a hegemonia ultramarina do império britânico encontrava-se desafiada por uma potência terrestre na Europa continental, tendo em vista que a política internacional apontava para a prevalência do poder terrestre (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2017).

Segundo Mackinder, sendo o mundo formado por um quarto de terras emersas, um sexto dessas terras encontra-se no Antigo Continente, formado pela Europa, Ásia e África, denominado pelo geógrafo de Ilha do Mundo ou Ilha Mundial, que abriga a *core* do poder da Terra. Valendo-se da projeção de Mercator, posicionou a Área Pivô no centro, cercada subsequentemente das crescentes interior e exterior¹ (TOSTA, 1984).

Através de seu trabalho *The Geographical Pivot of History*, apresentado em 25 de janeiro de 1904, Mackinder introduz os conceitos da Eurásia e a importância de sua posição estratégica:

A concepção a que assim chegamos da Eurásia é a de uma terra contínua limitada ao norte pelos gelos e por todos os demais lados pelo mar, medindo 54 milhões de milhas quadradas, ou seja, mais de três vezes a superfície da América do Norte. Suas partes central e norte, medindo cerca de 23 milhões de milhas quadradas, ou seja, mais do dobro da superfície da Europa, não possuem vias fluviais abertas para o oceano, não obstante, por outro lado, prestarem-se admiravelmente salva na região das florestas subárticas às evoluções da cavalaria. A leste, sul e oeste dessa região central, desejosos segundo um vasto círculo, encontram-se zonas com acesso ao mar (TOSTA, 1984, p. 50).

Dessa forma, ao retratar a visão de Mackinder sobre a Eurásia, Tosta aborda uma segurança em relação a um ataque além-mar, porém aponta a problemática russa por obter águas quentes, buscando saídas em seu entorno para os Oceanos Atlântico e Índico, via Mar Negro:

O pivô da política mundial se acha eixado sobre essa vasta região eurásiana, inacessível aos navios, mas aberta, na Antiguidade, aos cavaleiros nômades e que, hoje, se acha em condições de ser coberta de vias férreas. Essa região possuiu e possui, ainda, as condições de mobilidade essenciais ao desenvolvimento de uma potência econômica e militar, embora limitada. A Rússia substituiu o Império Mongol (TOSTA, 1984, p.51).

¹ O Crescente interior ou marginal (meia-lua interna, em torno da “área pivô” e abrangendo a Alemanha, a Áustria, a Turquia, a Índia e a China; e O Crescente exterior ou insular (meia-lua externa, compreendendo a Inglaterra, África do Sul, a Austrália, os Estados Unidos da América, o Canadá e o Japão) (TOSTA, 1984).

Outrossim, o ilustre geógrafo aponta o risco das invasões por terra, logo o sentimento perene de insegurança russa e sua necessidade de expansão de fronteiras. Contudo, reitera a imperiosa importância estratégica do Heartland, que possui as condições necessárias de projetar uma grande potência terrestre. Segundo Mackinder, “quem dominar a Europa Oriental controlará o coração continental; quem dominar o coração continental controlará a ilha mundial; quem dominar a ilha mundial controlará o mundo” (TOSTA, 1984, p. 53).

Dessa feita, ao definir a região mais importante a ser controlada do mapa, sua teoria influenciou lideranças que apostaram em controlar a Ilha Mundial para obter o do planeta. Entretanto, na Idade Contemporânea, tal feito não fora alcançado nas duas grandes guerras mundiais.

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919, a Rússia perdeu seu protagonismo no Sistema Internacional, dando lugar à Alemanha e a chance de esta dominar o heartland e obter o protagonismo mundial. Portanto, a “Área Pivô” torna-se o heartland, expandindo-se em direção à Europa Oriental (CHURRO, 2013).

Com o final da Grande Guerra foram criados Estados para atender o direito de autodeterminação nacional, porém as fronteiras desrespeitavam os laços etnográficos, naturais e econômicos. O objetivo da criação desses entes era claro: gerar uma série de Estados-tampões que separassem a Rússia da Alemanha, denominado cordão sanitário (TOSTA, 1984). Na Segunda Guerra Mundial, a importância do controle dessa posição estratégica foi evidenciada no avanço nazista durante a Operação Barbarossa, desencadeada em junho de 1941 em consequência da quebra do pacto de não agressão Molotov-Ribbentrop por parte germânica, visando controlar toda a Polônia e subjugar a ex-URSS (KIRCHUBEL, GERRARD, DENNIS, 2009).

Mackinder conclui que o poder está relacionado à capacidade de controlar vastas massas geográficas, incluindo territórios (geografia física), populações (geografia humana) e recursos naturais (geografia econômica). Ele observou que eram as grandes áreas continentais que acumulavam esses elementos. Dessa forma, destacou a presença de uma grande massa terrestre continental, a Eurásia, onde se encontrava uma zona pivô localizada nas extensas planícies russas, região com uma rica reserva de recursos minerais e energéticos (CORREIA, 2010a).

2.1.2 As pan-regiões

Haushofer introduziu conceitos importantes na geopolítica, como a autarquia, que representa o poder absoluto e a busca pela autossuficiência econômica, exigindo uma ampliação territorial e uma diversidade de recursos naturais. O espaço vital, baseado na ideia de Estado como um organismo vivo, outrora explorado por Ratzel, defende o direito do Estado em expandir suas fronteiras para garantir recursos. O conceito de pan-regiões referia-se às áreas continentais extensas, com diversidade climática e recursos naturais, que eram consideradas ideais para alcançar a autarquia (TEIXEIRA, 2008).

O autor retomou as análises da dicotomia entre o poder terrestre e o poder marítimo, influenciado pela perspectiva de Mackinder, enfatizando que o domínio global por uma potência marítima poderia ser interrompido devido à diminuição do poder ou à interrupção de linhas de comunicação vitais para sua existência (TEIXEIRA, 2008).

Haushofer influenciou diretamente Adolf Hitler pela busca de espaço vital, fato constatado no livro *Mein Kampf*, no qual o autor declara que os Estados com maior extensão territorial são mais difíceis de serem invadidos, portanto, mais fortes. Esse fato foi constatado na Segunda Guerra Mundial, cujo exército nazista obteve seu grande revés continental na frente oriental devido, dentre outros fatores, à grande extensão territorial soviética (TOSTA, 1984).

Inicialmente focado na recuperação da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, Haushofer fez uma importante contribuição para a geopolítica e para a geoestratégia com sua teoria das pan-regiões. Essa teoria foi concebida a partir da perspectiva da "consciência geográfica do Estado" e baseada no conceito ideológico de pan-ideias, que busca unir Estados com semelhanças não apenas geográficas e étnicas, mas também religiosas (TEIXEIRA, 2008).

Haushofer identificou quatro principais pan-ideias: pan-asiatismo, pan-islamismo, pan-americanismo e pan-europeísmo. Essas pan-ideias representam sistemas de compreensão nos quais o mundo se organiza, sendo as regiões lideradas pelos respectivos Estado Diretores, baseados na autarquia e na capacidade de organização administrativa dessas regiões (CURADO, 2016).

Uma vez integradas, elas possuiriam todas as zonas climáticas (temperada, ártica e tropical), fornecendo uma variedade de recursos para o crescimento do Estado. Isso permitiria

a sobrevivência autossuficiente das pan-regiões, que seriam organizadas em Estados fornecedores de matérias-primas e um Estado-Líder (LOSANO, 2008).

Dessa forma, a visão de Haushofer buscava estabelecer uma ordem geopolítica baseada na formação de pan-regiões autossuficientes, unidas por laços políticos e comerciais, e capazes de aproveitar a diversidade de recursos das diferentes zonas climáticas.

2.1.3 O poder do *Rimland*

Nicolas John Spykman (1893-1953), americano naturalizado, dedicou-se a estudar a influência da Geografia na política exterior, a geoestratégia de contenção dos soviéticos e a Política de Segurança dos Estados Unidos da América. Seu pensamento convergiu ao de Haushofer quanto à questão da extensão territorial como fator de força dos Estados, somadas a outros ativos, tais como: estrutura econômica, densidade populacional e recursos naturais (TOSTA, 1984).

Baseado nos estudos realizados por Alfred Thayer Mahan, em 1890, em seu livro *A Influência do Poder Marítimo sobre a História*, Spykman adota uma visão antagônica a Mackinder. Focando seus estudos sobre a região do *Rimland* (crescente interior de Mackinder, representada pela cor azul na FIG. 1), a qual consiste numa zona-tampão entre o Poder Terrestre e o Poder Marítimo (TOSTA, 1984). Dessa forma, estabeleceu a necessidade vital de controle dessa região: “Quem controlar os espaços periféricos (*Rimland*), dominará a Eurásia; quem dominar a Eurásia, controlará os destinos do mundo” (TOSTA, 1984, p. 77).



FIGURA 1 – Teoria do Rimland
Fonte: RIMLAND..., 2023.

2.2 Eurasianismo

O conceito de eurasianismo, nascido no século XIX, quando foi introduzido pelo movimento eslavófilo. Esse movimento defendia a notável diversidade da Eurásia como uma alternativa distinta, que não se encaixava nos paradigmas europeus ou asiáticos. Propunha uma abordagem que integrasse a cultura e tradição da Ortodoxia e da Rússia. Retomado na década de 1920, surgiu em reação à derrota do exército czarista na Primeira Guerra Mundial e à derrota do Exército branco russo pelos bolcheviques na Guerra Civil e a subsequente desintegração da Rússia. O movimento apoiou a revolução bolchevique, porém não compartilhou dos objetivos comunistas declarados, enxergando a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como uma via para criar uma identidade nacional que refletisse a posição geopolítica singular da Rússia (ARBATOVA, 2019).

A flexibilidade do Eurasianismo como ideologia explica seu sucesso, sua diversidade e a amplitude de sua abrangência. Trata-se de uma visão política precisa, uma teorização sobre a identidade nacional e étnica, uma filosofia que desafia as tendências globais estabelecidas na história, uma abordagem prática revigorada do conceito de soviétismo, uma alternativa aos sistemas globais de interpretação encontrados no marxismo-leninismo, e uma coleção de diretrizes geopolíticas que propõem uma expansão do papel da Rússia no cenário internacional. Portanto, o Eurasianismo é uma busca perene pelo equilíbrio e pela conciliação entre diferentes perspectivas, uma análise metódica e objetiva dos interesses russos (LARUELLE, 2008; SHULIKA, 2014).

Os opositores emigrados do Eurasianismo argumentavam que este pedia compromisso ao regime soviético e até o apoiavam, ao mesmo tempo, em que justificavam suas políticas implacáveis, como a perseguição à Igreja Ortodoxa Russa, como meros "problemas transitórios" que eram o resultado inevitável do processo revolucionário. Também foram acusados de não cultuarem a liberdade, serem estatistas e hostis à cultura ocidental. Os principais líderes dos eurasianistas incluíam o príncipe Nikolai Trubetzkoy, P.N. Savitsky, P.P. Suvchinskiy, D.S. Mirsky, Konstantin Chkheidze, P. Arapov e S. Efron (SOBOLEV, 2008).

Esses teóricos desenvolveram estudos aprofundados sobre os impérios de Genghis Khan, mongol e turco-otomano, e tiveram encontros com o geopolítico alemão Karl Haushofer em mais de uma ocasião. Essa primeira versão do eurasianismo, baseada também nos trabalhos do britânico Halford Mackinder, buscava estabelecer uma identidade russa distinta

da ocidental, defendendo a fusão das populações muçulmanas e ortodoxas e apoiando-se na geografia para auxiliar a formação da identidade russa (MATOS, 2012).

Eles rejeitaram a proposta de integração da Rússia à Europa, feita por Pedro, o Grande. Argumentavam que a Rússia era claramente não europeia, sendo um continente separado tanto da Europa quanto da Ásia devido a sua geografia, e que sua cultura foi moldada por influências da Ásia (MATOS, 2012).

Portanto, os Eurasianistas foram criticados por apoiarem um regime opressor, o qual justificava suas políticas repressivas de perseguição à Igreja Ortodoxa Russa como passageira, necessária no processo revolucionário. Além disso, foram acusados por ser avessos às ideias de livre mercado e de ocidentalismo.

Entretanto, vários membros eurasianistas foram atingidos pela operação de provocação soviética TREST, que organizou uma falsa reunião de eurasianistas na Rússia com a presença do líder eurasianista P.N. Savitsky em 1926. A exposição do TREST como uma provocação soviética desferiu um sério golpe moral nos eurasianos e descredibilizou sua imagem pública. Em 1929, os eurasianos pararam de publicar seu periódico e rapidamente desapareceram da comunidade de emigrantes russos (SOBOLEV, 2008).

Devido à queda da imagem dos eurasianistas devido ao golpe do TREST esses perderam prestígio e visibilidade dentre os emigrantes russos, o que acarretou que tal movimento fosse relegado por décadas.

Um dos princípios norteadores dessa ideologia geopolítica é a ideia da Grande Rússia. É um conceito que no passado se aplicava aos territórios do Principado de Moscou e, mais tarde, à Rússia. Foi a terra de onde os russos étnicos se originaram e onde ocorreu a etnogênese dos grandes russos. O nome supostamente deriva do grego *Megálē Rhōssía*, que os bizantinos usavam para a parte norte das terras rus. No período de 1654 a 1721, a palavra foi adotada pelos czares russos – seu título oficial incluía a frase—"Governante de toda a Rússia: Grande (Rússia), Pequena (Ucrânia) e Branca (Bielorrússia)"(CHAPMAN, 2007).

Diante disso, a ideia de Grande Rússia advém dos ancestrais russos e representa um dos princípios norteadores da Teoria Eurasiana. Tal preceito perdura desde o foco do surgimento russo no Principado de Kiev, Moscóvia Medieval, passando pela Dinastia Romanov, ex- URSS, chegando à atual Federação Russa.

2.3 Princípios básicos da plataforma doutrinária eurasianista

Seguem os princípios que fundamentam o Eurasianismo, bem como suas visões futuras de mundo, a evolução do Estado, a divisão de poderes, a economia, a religião e a questão nacional.

2.3.1 Atlantismo

O termo remete ao Setor Ocidental da civilização mundial, aos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), à rede de informações midiáticas Ocidentais, ou ao sistema capitalista de mercado, o qual prega a "nova ordem mundial". Um sistema mundial favorecedor de uma minoria da população do planeta, denominada "bilhão de ouro"(DUGIN, 2012).

Os atlantistas são formuladores de estratégias para a civilização ocidental, contando com adeptos em diversas regiões do globo. Seu objetivo é submeter todo o mundo ao seu controle, impondo os estereótipos sociais, econômicos e culturais característicos da civilização ocidental sobre as demais sociedades, beneficiando uma parcela privilegiada do Norte econômico.

2.3.2 Globalismo

Processo de formação da "nova ordem mundial" conduzida e centrada em grupos oligarcas político financeiros do Ocidente, denominada globalização. Os sacrificados dessa sistemática são os Estados soberanos, as culturas nacionais, as doutrinas religiosas, as tradições, as manifestações econômicas de justiça social, o meio ambiente – toda a diversidade espiritual, intelectual e material existente. Atualmente, este termo remete apenas ao "globalismo unipolar", impondo estereótipos ocidentais sobre a humanidade (DUGIN, 2012).

Portanto, tal processo implica na imposição de estereótipos ocidentais sobre a humanidade, sugerindo uma hegemonia cultural e econômica que desconsidera a pluralidade de perspectivas e identidades ao redor do mundo. O termo "globalismo unipolar" indica uma

tendência para uma única perspectiva dominante e influente, muitas vezes em detrimento da diversidade global.

2.3.3 Neoeurasianismo

Oriundo do final da década de 1980, ampliando o entendimento de Eurasianismo, alinhando com novas ideias e metodologias, tais como: tradicionalismo, geopolítica, “Nova Direita”, “Nova Esquerda”, “Terceira Via” na economia, teoria do “direito dos povos”, ecologia e filosofia. Apresenta uma visão da missão universal da história russa, sob a perspectiva da História e da Ciência.

Combatem a ordem mundial atlantista e a globalização, sendo os defensores do mundo multipolar. Defendem a necessidade da manutenção da existência de diversos povos, a plêiade das culturas e tradições religiosas, o direito dos povos à independência e a se autodirigirem, representando todos os povos do planeta. Eurasianistas e Atlantistas se contrapõem em todos os segmentos (DUGIN, 2012).

O Neo-eurasianismo, também conhecido como Escola Eurasiana, é uma vertente atual da escola expansionista russa e tem como base a influência de Mackinder, especialmente por sua teoria do "Heartland" (MELLO, 1999 apud CARMONA, 2012).

Pelo exposto acima, os eurasianistas são defensores do mundo multipolar, combatendo a ordem mundial atlantista e a globalização. Eles valorizam a preservação da diversidade cultural, das tradições religiosas e dos direitos de autodeterminação dos povos. Promovem o diálogo entre culturas e sistemas de valores, combinando a devoção à tradição com inovações culturais criativas. A oposição entre eurasianistas e atlantistas define o panorama histórico do século XXI.

2.4 A visão de futuro do mundo

O enfoque de Novo Mundo para os eurasianos retrata que os Estados tradicionais serão irrelevantes e propõe a formação de quatro "grandes espaços" ou cinturões geoeconômicos. O primeiro é o Euro-Africano, que engloba a União Europeia, a África Árabe-

Islâmica e a África Negra. O segundo é o Cinturão Pacífico-Asiático, composto pelo Japão, nações do sudeste asiático, Indochina, Austrália e Nova Zelândia. O terceiro é o Cinturão Eurasiano continental, que se divide em quatro "grandes espaços": Rússia e países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), Estados islâmicos continentais, Índia e China. Por fim, temos o Cinturão Americano, que abrange três "grandes espaços": América do Norte, Central e do Sul. Esses cinturões geoeconômicos representam a visão de uma multipolaridade equilibrada, baseada na proximidade geográfica, cultural, de valores e civilizacional entre os Estados e as populações envolvidas (DUGIN, 2012).

A Teoria considera que esse tipo de organização do espaço mundial evite ou pelo menos torne menos prováveis os conflitos, os quais ameaçam a própria existência da humanidade (DUGIN, 2012).

A Rússia e seus parceiros no continente Eurasiano estabelecerão relações harmoniosas não apenas com os cinturões vizinhos, como o Euro-Africano e o Pacífico-Asiático, mas também com seu oposto, o cinturão americano. Essas relações serão fundamentais para desenvolver um papel construtivo no hemisfério ocidental, numa estrutura multipolar. Essa visão de futuro contrasta com os planos globalistas dos Atlantistas, que buscam criar uma Ordem Mundial unipolar controlada previamente pelas estruturas oligarcas do Ocidente (DUGIN, 2012).

A convergência entre o trabalho de Dugin e o de Haushofer é evidente. Ambos propõem um projeto estratégico, geopolítico e de integração econômica através da busca de aliados visando a formação de um bloco eurasiático. Para a Rússia, Dugin propõe um estado multiétnico e multirreligioso, enquanto externamente fomenta alianças com a Alemanha, Irã e Japão. Esboça a formação desses eixos estratégicos e seus respectivos líderes: pan-árabe (Irã), pan-europeu (Alemanha) e pan-asiático (Japão). Segundo Dugin, a China seria adversária e concorrente russa na Eurásia (DUGIN, 2000; MARCU, 2007).

2.5 A visão da evolução do Estado

Os eurasianistas enxergam os Estados-nação como uma forma caduca de organização dos territórios e dos povos, característica do decurso entre os séculos XV e XX. Em seu lugar,

propõem o surgimento de novas formações políticas que combinem a unificação estratégica de grandes espaços continentais com um sistema complexo e multidimensional de autonomias pátrias, culturais e econômicas.

Essa organização dos espaços e dos povos pode ser observada no pós-guerra fria em estruturas políticas como a União Europeia e a CEI (DUGIN, 2012).

Os Estados contemporâneos enfrentam atualmente três cenários distintos: o aniquilamento e a integração no espaço global sob a dominação dos Estados Unidos da América através do Atlantismo e da globalização. Opõem-se à globalização, buscando preservar suas próprias estruturas administrativas e a soberania formal. Lutam perante a inserção de formações supraestatais regionais, baseadas em histórico, civilizacional e comunidades estratégicas. Os eurasianistas enxergam sua abordagem como a única capaz de preservar os valores primários mais preciosos que os Estados atuais devem proteger diante da globalização. Dessa forma, a adesão consciente dos líderes políticos ao projeto globalista é vista como uma renúncia aos valores que os estados históricos têm o dever de preservar em relação a seus cidadãos (DUGIN, 2012).

Na visão eurasiana o conceito de soberania trata-se da primazia do direito de gerir o território de forma livre e independente, enquanto a autonomia implica independência nas questões de organização da vida em sociedade dos povos e das regiões, desvinculada da gestão do território (DUGIN, 2012).

Eles enxergam a autonomia como a forma natural de organização de comunidades e defendem a primazia do direito de gerir o território de forma livre e independente. Essa visão eurasiana busca preservar valores importantes e a promover uma coalizão internacional de forças políticas alinhadas com essa perspectiva.

2.6 A divisão de Poderes

O princípio de gestão política dos eurasianistas propõe a existência de dois níveis de governo distintos: local e estratégico, que coexistem de maneira equilibrada e independente. No nível local, o governo é exercido pelas autonomias, que são associações compostas por diversos tipos de entidades, desde grandes sociedades até pequenas unidades de trabalho.

Essas possuem total liberdade de ação e não estão sujeitas às autoridades superiores. As autonomias tratam de questões civis e administrativas, aspectos sociais, serviços de educação e saúde, bem como todas as esferas da atividade econômica, exceto os assuntos estratégicos, relacionados à segurança, integridade territorial dos "grandes espaços", relações internacionais e macroeconomia, gerenciadas por um centro estratégico unificado (DUGIN, 2012).

Desse modo, o princípio da divisão de governo proposta pelos eurasianistas combina de forma orgânica direitos tradicionais, religiosos e tradições nacionais e locais, garantindo a integridade, a segurança, a estabilidade e a territorialidade.

2.7 A Economia

Os eurasianistas defendem que apenas os setores estratégicos, relacionados à segurança, devem ser rigidamente controlados, enquanto os demais setores econômicos devem se desenvolver livremente. Reconhecem que não existe uma resposta padrão no campo da economia, portanto as abordagens liberais quanto as marxistas devem ser aplicadas parcialmente, dependendo das condições reais. É necessário combinar a abordagem de mercado livre com o controle dos setores estratégicos e redistribuir os lucros de acordo com objetivos nacionais e sociais. Nesse sentido, o Eurasianismo está alinhado com o conceito da terceira via econômica, que combina a abordagem de mercado com uma certa dose de regulação econômica (DUGIN, 2012).

No aspecto financeiro, o Centro estratégico unificado da União Eurasiana deve considerar o gerenciamento da circulação monetária como fator estratégico. É proposto o estabelecimento de uma moeda de reserva eurasiana, que seria a única moeda de reserva utilizada nos territórios da União Eurasiana (DUGIN, 2012).

Ao contrário do financialismo presente no projeto atlantista, que prioriza as operações financeiras virtuais e separa a esfera financeira do setor real da economia, o eurasianismo defende que ela seja um instrumento voltado para a produção real e a troca, orientada para os requisitos qualitativos do crescimento econômico (DUGIN, 2012).

Os eurasianistas enxergam o desenvolvimento social cíclico, de forma antagônica as bases capitalistas de desenvolvimento. Eles focaram numa economia orgânica, agrícola, e não materialista (DUGIN, 2014).

2.8 A Religião

O desenvolvimento espiritual é considerado uma prioridade fundamental, não substituível por benefícios econômicos ou sociais (DUGIN, 2012).

Os eurasianistas acreditam que cada religião ou sistema de fé, por menor que seja, constitui uma parte do patrimônio da humanidade. Eles defendem o cuidado e a preocupação com as religiões tradicionais dos povos, pois estas estão intrinsecamente ligadas às diversas heranças culturais e espirituais. As estruturas representativas das religiões tradicionais devem receber apoio dos centros estratégicos. Por outro lado, os eurasianistas ativamente combatem seitas extremistas, difusores de doutrinas religiosas e ensinamentos não tradicionais, bem como qualquer força orientada para a destruição (DUGIN, 2012).

A visão eurasianista em relação à religião valoriza a herança espiritual dos antepassados e vê a vida religiosa como um sinal de renovação autêntica e desenvolvimento social harmonioso. Tal fato é corroborado na atual constituição russa, na qual o Estado assume uma postura laica, no que pese o predomínio de praticantes da religião ortodoxa perante a um crescimento do islamismo. Embora defenda a pluralidade religiosa o eurasianismo condena o extremismo religioso, bem como atos terroristas embasados em tais doutrinas.

2.9 A questão nacional

Para os eurasianistas, a diversidade de povos, culturas e tradições é considerada uma riqueza inestimável e um sinal de desenvolvimento saudável da civilização humana. A assimilação forçada, a perda de idioma, ou mesmo a extinção física de qualquer povo são vistas como perdas irreparáveis para a humanidade (DUGIN, 2012).

Os eurasiânistas destacam os grão-russos como um caso único de união de três grupos étnicos (eslavo, turco e fino-úgrico) em um único povo, com uma tradição e cultura originais. A ascensão dos grão-russos por meio dessa síntese étnica é vista como um potencial excepcional para a integração. A Rússia, por sua vez, tem sido historicamente o núcleo da união de diferentes povos e culturas em um conjunto civilizacional, e os eurasiânistas acreditam que ela desempenhará a mesma função no século XXI (DUGIN, 2012).

Tanto o Eurasianismo quanto sua versão Neo possuem uma postura antiocidental. Essa última alicerçada em quatro pilares: multipolaridade de civilizações, anti-imperialismo, anti-modernismo e na estrutura da própria Rússia, que acredita que a globalização é apenas mais uma maneira dos Estados Unidos e da OTAN expandirem sua influência no mundo, disseminando a cultura ocidental por meio de ideologias e estruturas, estabelecendo uma ordem conforme seus interesses. O Neo-eurasianismo visa preservar a diversidade de valores em um mundo multipolar, rejeitando a existência de valores ocidentais (SILVA, 2017; SOUSA, 2012).

Esse capítulo trouxe que a teoria ora em análise é uma extrapolação da visão simplória de mundo ocidentalista, englobando diversas áreas, como filosofia, geopolítica, teoria econômica e movimento espiritual. Um novo ponto de vista para as gerações do novo milênio, baseado na união de sociedades e povos para construir um mundo autêntico e original, valorizando as tradições históricas e culturas locais. Opondo-se ao projeto globalista unipolar e buscando uma globalização multipolar. Suas ideias surgiram entre os pensadores russos, mas têm um significado global que vai além das fronteiras russas, bem como do continente eurasiânico. É um programa de relevância universal que pode ser adotado por qualquer pessoa, independentemente de sua localidade cultural e espiritual. O movimento prega que a hora da Eurásia chegará mediante grandes feitos e conflitos.

3 A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA NO PÓS-GUERRA FRIA

O fracasso da Perestroika e a subsequente dissolução da União Soviética, representaram o evento histórico mais significativos do final do século XX. As mudanças no equilíbrio geopolítico mundial foram devastadoras, tendo como impactos diretos a mudança na distribuição do poder internacional e no mapa da Europa. A Rússia, outrora superpotência, perdeu seus “satélites” e viu a OTAN expandir sua área de influência para a Europa Oriental (SEGRILLO, 2014).

3.1 A dissolução da União Soviética

Após o colapso da União Soviética, a Rússia enfrentou mudanças significativas. Buscando se adaptar a uma nova realidade, o país passou por um processo de europeização, motivado pela diminuição de sua influência global e pelos desafios que surgiram após o fim da Guerra Fria. Nesse período, Moscou se viu diante de um vácuo geopolítico, enfrentando incertezas ideológicas e geoestratégicas (SOUSA, 2012).

No mundo pós-bipolar, as causas dos conflitos têm mudado significativamente. Já não se limitam aos embates ideológicos entre capitalismo e socialismo, nem se restringem meramente a questões econômicas, confrontando atores do Norte contra os do Sul. Agora, eles se desdobram em uma dimensão fundamentalmente cultural, observados prioritariamente, nas linhas de cisão civilizacionais, fatos vistos na Bósnia-Herzegovina, no Kosovo, na Ásia Central e na Caxemira (VESENTINI, 2021).

Segundo Huntington o mundo vive sob a égide dos padrões ocidentais apenas após a Paz de Westfália (1648) e que a nova ordem mundial, pós-soviética, traria consigo uma retomada da pujança dos valores orientais, tradicionalmente seguidos pela sociedade, evidenciando o recrudescimento da sociedade islâmica e chinesa-confuciana.

Portanto, logo após o término da Guerra Fria, um período decisivo de transição iniciou, durante os três ou quatro primeiros anos, caracterizado por uma tendência ocidentalista que estava em consonância com a evolução interna do regime de Yeltsin. Nesse momento, a

Política Externa adotou uma postura dependente e integracionista em relação aos Estados Unidos e à Europa Ocidental. No entanto, diante da percepção de negligência por parte do Ocidente e da completa perda de condição de grande potência internacional, surgiram sentimentos de nostalgia imperial e ressentimento antiocidental, acompanhados por novas ideias saudosistas e eurasianistas, que acabaram dominando a política externa (MARCU, 2007).

O fim da ordem bipolar em 1991 trouxe consigo a redução dos riscos de conflito nuclear entre as superpotências, porém novos desafios surgiram. Além dos conflitos regionais intra e interestatais decorrentes do vácuo de poder pós-conflito ideológico Leste-Oeste, houve o surgimento de ameaças como o terrorismo, fundamentalismo religioso, xenofobia, violação dos direitos humanos e desastres socioambientais (YILMAZ, 2008).

Dessa forma, a política externa russa assumiu de forma efêmera uma nova tendência sob o governo de Boris Yeltsin (1991-1999), caracterizada por uma inclinação política ocidental esperançosa por ajudar a reconstrução russa. No entanto, constatou-se que a cooperação almejada pelos russos falhou, uma vez que diversos eventos evidenciaram que o objetivo dos Estados Unidos era enfraquecer a Rússia geopoliticamente e expandir a OTAN para leste, em sua antiga esfera de influência (CIDOB, 2010).

Os indícios do posicionamento do governo de Yeltsin podem ser encontrados principalmente nas ações do ministro das relações exteriores russo, Andrei Kozyrev (1991-1996), que considerava um mundo unipolar mais adequado para impulsionar a globalização e a unificação dos Estados. No entanto, a política externa russa sob sua direção começou a enfrentar sérios desafios a partir de 1993, como a expansão da OTAN e a guerra na ex-Iugoslávia, o que levou a Federação Russa a ser pressionada a se impor e a buscar sua independência em relação ao ocidente (CIDOB, 2010).

Yevgeny Primakov (1996-1998), com um posicionamento divergente de seu antecessor, acreditava em um mundo multipolar, implementando políticas de reafirmação do poder russo e buscando impedir o crescimento da OTAN, o que proporcionava à Rússia a sensação de ter a capacidade de equilibrar poder e de confrontar a "unipolaridade" dos Estados Unidos (CIDOB, 2010).

Devido à perda de grande parte de seu território geográfico, a separação de uma população que carregava consigo as raízes culturais russas e os custos político-ideológicos de um Estado em crise, deixou de ser uma potência global, bem como adquiriu pesados custos

econômicos. Uma das causas mais relevantes foi a perda dos gasodutos russos que passavam por países da antiga URSS e que, desde então, tornaram-se independentes, o que gerou dificuldades consideráveis para a sua economia (CHURRO, 2013).

Com a globalização, os atores não estatais ganharam relevância, realizando suas operações entre os Estados e exercendo sua própria geopolítica. No mundo multipolar, surgem novos desafios e soluções cada vez mais difíceis de serem alcançadas globalmente (BONFIM, 2005).

As novas ameaças desafiaram a ordem ocidental, que se pautava pelo direito internacional e aparentemente deixava de considerar a geopolítica em suas fronteiras redefinidas. A década de 1990 foi marcada pela depressão nacionalista e econômica da Rússia, pela supremacia dos Estados Unidos e pela eclosão de conflitos regionais (VAZ, 2012).

Portanto, o pós-Guerra Fria trouxe consigo um novo contexto geopolítico, repleto de desafios e incertezas. Após a tentativa frustrada de se reerguer sob a liderança americana, Moscou buscou contrabalançar o *Hegemon* através de um sistema multipolar, embasado no eurasianismo, almejando uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais e civilizacionais, bem como esforços contínuos para promover a cooperação e o diálogo entre as nações, a fim de construir uma ordem global mais estável e equilibrada.

3.2 A postura geopolítica russa no novo século

No início do século XXI, ocorreu uma pulverização do poder global com a emergência de novas potências regionais e atores não estatais, levando a uma ordem cada vez mais multipolar. No entanto, o paradigma liberal mostrou-se incapaz de lidar com os desafios crescentes dos interesses divergentes dos múltiplos atores, minando a legitimidade das instituições internacionais enquanto a violência dos atores não estatais persistia (VAZ, 2012).

Diante dos desafios acima expostos, o governo russo foi buscar no Eurasianismo a base do Realismo agora adotado em sua política exterior, visando uma retomada do papel de relevância no SI.

A Escola Realista Eurasiana se assemelhou mais à Expansionista Revolucionária, em detrimento à Internacionalista-Idealista, a qual foi praticada na década de 1990 pela Rússia.

O Realismo Eurasiano, de forma contrária à Escola Internacionalista-Idealista, alinhava-se ao pensamento pré-soviético e pautava o poder como forma de coerção, superando o equilíbrio via cooperação internacional (JACOB, 2020).

Portanto, essa escola julgava primordial o investimento nas capacidades russas visando equilibrar o SI. Assim, questões econômicas e militares em prol de geopolíticas longínquas, alicerçadas no poder e em alianças, canalizando esforços para desenvolver parcerias estratégicas com Estados como China, Irã e Índia (JACOB, 2020).

Os realistas russos, tanto ofensivos, como defensivos, viam a segurança como cerne dos esforços dos Estados, embora, divergissem quanto a forma para obtê-la nacionalmente. Os ofensivos preferiam investidas agressivas em prol da segurança, os defensivos pregavam o contrário. Ambos foram alicerçados no Eurasianismo.

Os realistas defensivos apoiaram de certa forma Gorbachev, corresponsabilizando a ex URSS e o Ocidente pela existência da Guerra Fria. Defendiam o pragmatismo na política externa de modo a atingir os objetivos nacionais, buscando a reintegração do espaço ex-soviético, de forma exclusiva, relegando o uso da força ao privilegiar as boas relações com os Estados pós-soviéticos (MARCU, 2007).

Contraopondo-se ao "novo pensamento" gorbacheviano, os realistas ofensivos buscavam a restauração da União Soviética visando equilibrar o poder global. Os pensadores dessa subdivisão do Eurasianismo identificaram hostilidade do ambiente externo em relação aos interesses de Moscou, acreditando que a dissolução da União Soviética ocorreu como resultado de ações premeditadas pelos Estados Unidos e o Ocidente (MARCU, 2007).

A China, dona da fronteira mais extensa com a Rússia, vista como possível ameaça devido ao abrupto crescimento populacional, desenvolvimento econômico e armamentos nucleares. No caso do Irã, as preocupações estavam relacionadas aos vastos recursos estratégicos. Já a Índia, na perspectiva dos eurasianistas, era o único país oriental que contava com apoio entre os teóricos, pelo fato de ser um dos principais importadores de armas russas, logo uma parceira estratégica. Por conseguinte, os realistas adotavam uma visão cultural antiocidental, considerando a Rússia como um estado eurasiático, composto por uma civilização ímpar e autossuficiente, com uma economia autônoma e isolada do restante do mundo (MARCU, 2007).

Do lado estadunidense, Brzezinski concentrou-se na manutenção da liderança global dos Estados Unidos e em promover paz, liberdade e segurança em um mundo multipolar. Ele

valorizava a importância geopolítica da Eurásia, especialmente da Europa Oriental, considerando-a um centro vital ao longo da história (BRZEZINSKI, 1997).

Consoante ao autor citado, o prêmio geopolítico mais importante para os Estados Unidos seria a Eurásia, uma vez que ao longo de quinhentos anos, os assuntos globais foram influenciados pelos Estados e povos dessa região, os quais competiam entre si pela dominação local e pelo poder global. Ele considerava a Eurásia como o epicentro, aonde a luta pela supremacia global continuaria sendo travada, exigindo uma estratégia geopolítica significativa por parte dos Estados Unidos.

A visão estratégica de Brzezinski, acadêmico, estrategista político e diplomata polonês-americano que desempenhou um papel significativo na política externa dos Estados Unidos, tendo ocupado o cargo de conselheiro de segurança nacional do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, de 1977 a 1981, durante um período crucial da Guerra Fria. Desempenhou um papel importante na formulação de políticas externas, incluindo a abordagem em relação à União Soviética baseada na corrente Realista das Relações Internacionais. Enfatizava o papel dos Estados Unidos como *hegemon* marítimo responsável por gerenciar o balanço de poder na Eurásia e defendia uma geoestratégia eurásiana forte visando garantir a posição estadunidense no SI, considerando a importância da região, onde estão as maiores economias, despesas militares e potências nucleares. Brzezinski também planejava o uso do poder e influência dos EUA para controlar a Eurásia, defendendo a expansão da OTAN e destacando a relevância da Ucrânia nesse contexto. Ele reconhecia a prioridade da luta pela Eurásia no conflito entre EUA e URSS, destacando a importância geopolítica do continente central do mundo. Em suas análises, Brzezinski ressaltava as estratégias soviéticas, a resiliência russa, e a importância da região eurásiana para o equilíbrio de poder mundial e para a política externa da Rússia (BRZEZINSKI, 1997).

Finalizando essa análise parcial, é possível entender que os realistas eurásianos acreditavam que a estreita relação entre a Rússia e a Europa poderia comprometer sua singularidade e independência. Por conseguinte, seu principal objetivo era alcançar o equilíbrio militar e geopolítico com os Estados Unidos, seu rival, a fim de manter sua posição de potência mundial e sua autonomia. Eles consideravam que somente por meio de recursos econômicos direcionados para o setor militar, Moscou seria capaz de restaurar suas fronteiras históricas e garantir a segurança nacional, sobrevivendo em um mundo complexo como a Grande Rússia (NIKITENKO, 2009).

Após a eleição de Vladimir Putin nos anos 2000, a Rússia passou por um processo de recuperação em diversos setores, graças às políticas assertivas de Putin, voltadas para a restauração do poder russo ao nível regional e global. Houve melhorias na economia e Putin conquistou alta aprovação popular. Geopoliticamente, a Rússia se apresentou como uma potência nuclear regional, com assento no Conselho de Segurança Permanente das Nações Unidas. Putin buscou fortalecer a posição da Rússia na Eurásia, que se tornou sua zona estratégica. Isso incluiu a inclusão de países da Ásia Central, como Tadjiquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Turcomenistão e Cazaquistão, bem como a região do Cáucaso (ADAM, 2013; SOUSA, 2012).

Através da criação da Organização de Cooperação de Xangai em 2001, a Rússia mitigou a insegurança quanto à China, bem como estabeleceu uma parceria estratégica com esse Estado e países da Ásia Central, com exceção do Turcomenistão. Essa organização foi construída com base em uma lógica multipolar e tinha como objetivo indicar uma possível forma de enfrentamento ao mundo unipolar e à hegemonia exclusiva dos Estados Unidos (DUGIN, 2016).

Vladimir Putin empenhou-se em resgatar o "espírito soberano euroasiático", por meio de reformas com conteúdo geopolítico, incluindo a reconstrução da soberania russa e a afirmação de seu alto valor para a Rússia contemporânea. Focado nas ações militares, principalmente para combater movimentos separatistas dentro do território russo, além de reformas no processo de nomeação dos líderes das províncias russas. Internamente, desencadeou ações contra os oligarcas russos considerados prejudiciais, como a expulsão do país ou a criminalização. Além disso, ocorreu a nacionalização de importantes empresas monopolistas de recursos naturais, garantindo que as regras do governo tivessem soberania no território russo (DUGIN, 2016).

Comparando simples e diretamente o governo Putin com os seus antecessores, Gorbachev (1985-1991) e Yéltsin (1991-1999), esses dois últimos tiveram uma geopolítica divergente à força da geopolítica russa, Putin restaurou o caminho tradicional para a Rússia, regressar à sua costumeira órbita de influência e alcance (DUGIN, 2016).

A crise política e de governança internacional agravou-se com a crise financeira de 2007/2008, questionando ainda mais a supremacia dos Estados Unidos e abrindo espaço para potências como China e Rússia questionarem a ordem mundial vigente. Diante desse contexto de transitoriedade, a importância da geopolítica voltou a se evidenciar, buscando equilibrar o

poder geopolítico e suportar uma nova organização mundial. O cenário geopolítico atual possui uma nova agenda e um sistema internacional caracterizado por instabilidade e imprevisibilidade (SANTOS, 2007).

Tanto o Eurasianismo quanto sua versão Neo possuem uma postura antiocidental. A versão Neo acredita que a globalização é apenas mais uma maneira dos Estados Unidos e da OTAN expandirem sua influência no mundo, disseminando a cultura ocidental por meio de ideologias e estruturas, estabelecendo uma ordem conforme seus interesses. O Neo- Eurasianismo visa preservar a diversidade de valores em um mundo multipolar, rejeitando a existência de valores ocidentais (SOUSA, 2012).

No século XXI, houve uma pulverização do poder global, com o surgimento de novas potências e uma ordem multipolar. A Rússia adotou uma postura geopolítica baseada no Eurasianismo e no realismo para recuperar seu papel de relevância. Os realistas russos buscavam equilibrar o sistema internacional por meio de investimentos econômicos e militares, formando coalizões com China, Irã e Índia. A visão estratégica dos Estados Unidos, representada por Brzezinski, enfatizava a importância geopolítica da Eurásia para a hegemonia americana.

A liderança de Vladimir Putin fortaleceu a posição da Rússia como uma potência regional e global, resgatando a geopolítica russa tradicional. Diante das transformações geopolíticas e da crise financeira global, a geopolítica voltou a ter relevância na busca pelo equilíbrio e na redefinição da ordem mundial. O Eurasianismo, em suas diferentes versões, apresenta uma postura antiocidental e busca preservar a diversidade de valores em um mundo multipolar.

3.3 As revoluções coloridas

Durante o segundo mandato presidencial de Putin (2004-2008), houve um aumento significativo no crescimento econômico interno, enquanto o cenário externo passou por mudanças substanciais. Ao contrário da invasão do Afeganistão, que foi vista pela Rússia como uma espécie de ato “defensivo” por estar relacionada a uma resposta aos eventos dos atos terroristas do 11 de setembro de 2001, a invasão ao Iraque em 2003 marcou o início dessas

mudanças, sendo percebida pela Rússia como uma ação imperialista estadunidense baseada em informações falsas sobre armas de destruição em massa (SEGRILLO, 2014).

Além disso, outras questões irritaram profundamente os russos, como as Revoluções Coloridas na área da antiga URSS, a expansão contínua da OTAN em direção à Rússia nos países do antigo bloco comunista e os planos norte-americanos de construir um escudo antimíssil na Polônia e na Tchecoslováquia, supostamente contra o Irã, mas visto pela Rússia como uma ameaça direcionada a eles (SEGRILLO, 2014).

As Revoluções Coloridas desencadeadas em certos países da CEI também devem ser consideradas, uma vez que representaram os esforços ocidentais em resposta aos objetivos geopolíticos russos. Os Estados Unidos fomentavam financeiramente movimentos que tinham como objetivo instalar líderes pró-ocidentais (anti-Rússia) na presidência desses países, como ocorreu na Geórgia e na Ucrânia. Esse evento histórico reflete a luta do Eurasianismo contra o Atlantismo no espaço pós-soviético (SEGRILLO, 2014).

As Revoluções Coloridas desencadeadas na Geórgia (2003), Ucrânia (2004) e Quirquístão (2005), que possuíam governos pró-Rússia, representaram uma mudança na retórica da política externa da Rússia em relação ao ocidente, uma vez que resultaram em uma diminuição da sua influência nos países onde ocorreram. O governo russo interpretou essas revoluções como táticas usadas pelos Estados Unidos e pela Europa para justificar intervenções nesses países, concluindo que esses processos prejudicaram a estabilidade e as instituições desses Estados (CORDESMAN, 2014).

A primeira ocorreu na Geórgia, que experimentou um cenário político conturbado de novembro de 2003 a janeiro de 2004, quando uma série de eventos levou à renúncia do presidente Eduard Shevardnadze e à ascensão de Mikheil Saakashvili. A eleição parlamentar de 2 de novembro de 2003 foi amplamente considerada fraudulenta, o que desencadeou uma onda de desobediência civil e protestos nas ruas do país. Diante da crescente impopularidade, Shevardnadze tentou impor um estado de emergência, mas muitas de suas próprias tropas se recusaram a obedecê-lo, então renunciou em 22 de novembro, sendo realizada uma eleição presidencial de emergência em 4 de janeiro de 2004, que resultou na vitória de Mikheil Saakashvili. Este, por sua vez, adotou uma postura pró-Occidente, o que gerou conflitos iminentes com a Rússia (SEGRILLO, 2014).

A segunda revolta ocorreu na Ucrânia, conhecida como Revolução Laranja, de 22 de novembro de 2004 a 23 de janeiro de 2005. Esse movimento iniciou devido à alegação de

fraude no segundo turno da eleição presidencial em 21 de novembro de 2004, que resultou na vitória do candidato pró-Rússia, Viktor Yanukovich. Essa contestação levou a uma série de protestos populares. Embora a Comissão Eleitoral Central tenha validado os resultados, em 3 de dezembro, a Suprema Corte do país anulou a eleição e determinou a realização de um novo pleito com os mesmos candidatos. Nessa nova eleição, em 26 de dezembro, o candidato pró-ocidente Viktor Yushchenko foi o vencedor, assumindo oficialmente a presidência em 23 de janeiro de 2005 (SEGRILLO, 2014).

O Heartland, representado pela Rússia, buscou expandir sua zona de influência na região da CEI por meio de processos de integração. Por outro lado, os Estados Unidos e seus aliados lutaram para limitar a influência russa nessa área, buscando restringir a Rússia dentro de suas próprias fronteiras e gradualmente integrar os países vizinhos à OTAN (DUGIN, 2016).

Desse modo, durante o segundo mandato presidencial de Putin, a Rússia experimentou um crescimento econômico interno significativo, enquanto enfrentava mudanças e desafios no cenário externo. A invasão dos EUA ao Iraque, juntamente com as Revoluções Coloridas na área da antiga URSS e a expansão da OTAN em direção à Rússia, desencadeou tensões e atritos entre esta e o ocidente. Esses eventos foram interpretados pela Rússia como ameaças à sua segurança e à sua influência na região da CEI. Enquanto ela buscava expandir sua zona de influência, os Estados Unidos e seus aliados trabalhavam para contê-la e integrar o entorno estratégico russo à OTAN. Esses embates geopolíticos refletiram a luta entre o Eurasianismo e o Atlantismo no leste europeu.

3.4 O conflito no Cáucaso

O Cáucaso é uma das partes mais culturalmente complexas e linguisticamente diversas do mundo, conhecida também por sua complexidade geopolítica e conflitos intratáveis (FROLOVA, 2006).

Sua geografia constituída por montanhas situadas entre o extremo sul russo, o extremo norte do Oriente Médio e o extremo sudeste europeu. A região, conforme a FIG. 2, contém três estados soberanos reconhecidos internacionalmente (Geórgia, Armênia e Azerbaijão), três estados autodeclarados não reconhecidos (Abcásia, Ossétia do Sul e

Nagorno-Karabakh) e sete repúblicas russas internas (Daguestão, Chechênia, Inguchétia, Ossétia do Norte-Alânia, Kabardino-Balkaria, Karachai-Cherkessia e Adiguéia). Além disso, os insurgentes islâmicos declararam um virtual "Emirado do Norte do Cáucaso" na parte da região controlada pela Rússia. As lutas no Cáucaso têm ramificações globais, como ficou evidente no verão de 2008, quando os militares russos triunfaram sobre o governo da Geórgia, apoiado pelos EUA (FROLOVA, 2006).



FIGURA 2 – O Cáucaso
Fonte: CÁUCASO..., 2023.

Após o término dos dois mandatos de Vladimir Putin, Dmitri Medvedev assumiu a presidência em 2008, o que foi denominado por Dugin (2016) como "Operação Medvedev". A nomeação de Medvedev como presidente russo, apesar de suas inclinações ocidentais, portanto uma inconsistência geopolítica russa, foi uma tentativa de desinformar o Ocidente e ganhar tempo para o retorno legal de Putin à presidência (DUGIN, 2016).

A operação russa, concretizada na Geórgia ainda no mesmo ano da posse de Medvedev, corroborou como um evento geopolítico excepcional para a Rússia, levando em

consideração que as regiões da Ossétia do Sul e da Abcásia carregavam consigo, ainda que externas ao território geográfico russo seu viés geopolítico (DUGIN, 2016).

A intervenção russa na Geórgia em 2008 marcou a retomada da força militar do país no sistema internacional, levando à interpretação de que a Rússia estava abandonando o uso do *soft power* em favor da força bruta (RUKAVISHNIKOV, 2011). Os líderes russos passaram a agir para conter a presença ocidental em sua área de influência (KANET, 2011). A guerra entre Rússia e Geórgia foi motivada pela discordância da Rússia em relação ao desejo da Geórgia de se alinhar ao ocidente e aderir à OTAN (BERRYMAN, 2011). Após a invasão da Ossétia do Sul pela Geórgia, a Rússia declarou guerra, derrotou o exército georgiano e reconheceu a independência da Abecásia e da Ossétia do Sul, fortalecendo alianças militares com ambas (OLDBERG, 2011).

O Ocidente condenou a intervenção russa, mas uma investigação da União Europeia concluiu que a Geórgia foi a agressora no conflito, embora tenha considerado a resposta russa desproporcional. Os Estados Unidos buscavam maior influência na região do Cáucaso para diversificar o abastecimento de gás da Europa, enquanto a Rússia reforçava sua influência na região por meio da Cooperação de Xangai e da União Eurasiática (KANET, 2011).

A construção do Traçado de Nabucco visava diversificar as rotas de abastecimento de gás, contornando o território russo, mas o projeto não se concretizou devido à falta de adesão dos países da Ásia Central. Essa tentativa de diversificação energética foi interpretada pela Rússia como uma forma de dominação ocidental dos recursos energéticos. Desde os anos 1990, os Estados Unidos buscavam diversificar as rotas energéticas, enquanto a Rússia buscava aumentar o controle sobre o fluxo de petróleo e gás para a Europa, assinando acordos com os produtores da Ásia Central (KANET, 2011).

A bem-sucedida ação das tropas russas na Geórgia, apenas dois dias após o início do ataque georgiano às províncias, demonstrou que o projeto de fortalecimento da soberania da Rússia continuava em ascensão, mesmo sem Vladimir Putin ocupar a presidência. Essa estratégia, que visava reforçar a soberania russa e afirmar seus interesses geopolíticos, especialmente no espaço pós-soviético, foi mantida mesmo sob a aparência de uma política liberal e pró-ocidental da Rússia (DUGIN, 2016).

As Revoluções Coloridas já haviam acendido um alerta no governo russo e levado a uma mudança em sua política externa, confrontando o objetivo estadunidense de contê-la (DUGIN, 2016).

De acordo com Dugin (2016), a geopolítica de Moscou, em seu passado e no futuro, confirma a relevância de avançar sob as áreas limítrofes ao *Heartland*.

Dessa maneira, as Revoluções Coloridas fomentaram o aprendizado russo em relação aos instrumentos geopolíticos ocidentais. Por conseguinte, a primeira demonstração de força da Rússia no sistema internacional após a dissolução da União Soviética ocorreu em 2008, durante a invasão da Geórgia.

Uma das principais personalidades do Eurasianismo Contemporâneo é, sem dúvida, Aleksandr Dugin. Aleksandr Gelyevich Dugin, que é filósofo, analista político e estrategista, foi o principal organizador do Partido Nacional Bolchevique, da Frente Nacional Bolchevique e do Partido da Eurásia. Ele também serviu como conselheiro do presidente da Duma, Gennady Seleznyov, e de Sergei Naryshkin, um dos principais membros do partido governista Rússia Unida (ISAEV, 2005).

A concepção geopolítica de Alexander Dugin, em concordância com muitos outros geopolíticos, que também constroem uma ordem mundial geopolítica bipolar (H. J. Mackinder ou N. J. Spykeman), propõe um esquema de conflito entre dois blocos fundamentalmente antagônicos. Entretanto, Dugin dá uma conotação diferente a esse confronto e, nessa nova concepção, seria assim um "conflito apocalíptico" entre potências continentais estritamente hierárquicas, organizadas e autoritárias, que em um contexto geográfico se identifica com a topologia *Heartland*, e potências "atlânticas" capitalistas, liberal-democráticas, que estão situadas no equivalente factual ao *Rimland* de Spykeman (SHEKHOVTSOV, 2016).

A visão geopolítica de Dugin corrobora com o conceito geopolítico da dominação do núcleo mais importante da superfície da terra, o *Heartland* Mackinderiano, consistindo no domínio da Eurásia ou Coração da Ilha Mundial, tendo como principal opositores os Estados situados no crescente exterior ou *Rimland*. Logo, tal posição central possui uma relevante dicotomia em ser controlada e uma insegurança perene contra os Estados ultramarinos.

3.5 A Ucrânia e a sua importância na estratégia euroasiática

O Império Interior de Dugin inclui a Ucrânia, é claro, e em *Os Fundamentos da Geopolítica*, ele escreve que a Ucrânia deve ser anexada pela Rússia porque:

A Ucrânia como um Estado não tem nenhum significado geopolítico, nenhuma importância cultural especial ou significado universal, nenhuma singularidade geográfica, nenhuma exclusividade étnica, suas ambições territoriais particulares representam um enorme perigo para toda a Eurásia, e sem uma solução para o problema ucraniano, não adianta falar de política continental em geral. A Ucrânia não deve ser autorizada a permanecer independente, a menos que seja um cordão sanitário, o que seria inaceitável (DUGIN, 2017).

As primeiras referências à Ucrânia baseadas nas teorias geopolíticas de Dugin surgiram na primeira metade da década de 1990, quando Dugin foi co-fundador do Partido Nacional Bolchevique, que fundou juntamente com o escritor de vanguarda ultranacionalista russo Eduard Limonov em 1993. O programa político desse partido afirmava inequivocamente que não considerava as fronteiras atuais da Rússia, tampouco as dos Estados pós-soviéticos como fixas ou incontestáveis (DUGIN, 2014).

A Ucrânia tornou-se o principal problema a ser resolvido pela Federação Russa após os acontecimentos do *Euromaidan*, uma onda de manifestações iniciada em 21 de novembro de 2013 com protestos populares no *Maidan* da Independência em Kiev. Esse movimento de repulsa foi desencadeado pela decisão do governo ucraniano de suspender a assinatura de um acordo de associação com a União Europeia, optando por laços mais estreitos com a Rússia e a União Econômica Eurasiática. A escala dos protestos logo se expandiu para incluir pedidos de renúncia do presidente Viktor Yanukovich e de seu governo. As reivindicações foram alimentadas por percepções de corrupção generalizada do governo, abuso de poder e abusos dos direitos humanos na Ucrânia. A Transparência Internacional descreveu o presidente Yanukovich como o melhor exemplo de corrupção no mundo. A situação agravou-se após a violenta dispersão dos manifestantes em 30 de novembro, o que levou a que muitos mais se juntassem a eles. Os protestos levaram à Revolução Ucraniana de 2014, também conhecida como Revolução da Dignidade. A subsequente derrubada de Yanukovich causou pânico no Kremlin (SINDELAR, 2014).

Em fevereiro e março de 2014, a Rússia anexou a Península da Crimeia da Ucrânia. Esse evento ocorreu após a Revolução da Dignidade e faz parte do conflito mais amplo Rússia-

Ucrânia. Em 23 de fevereiro, manifestações pró-Rússia ocorreram na cidade da Crimeia, de Sebastopol, e em 27 de fevereiro, forças russas mascaradas sem insígnias tomaram o Conselho Supremo (parlamento) da Crimeia e capturaram locais estratégicos da região, levando à instalação do governo pró-russo de Sergei Aksyonov na Crimeia, e à realização de um referendo sobre o seu *status* e a declaração de sua independência em 16 de março de 2014. A Rússia incorporou formalmente a Crimeia como duas entidades federais russas - a República da Crimeia e a Cidade Federal de Sebastopol em 18 de março de 2014. Este território ainda pertence à Federação Russa (SOMIN, 2014).

Outro elemento desestabilizador na Ucrânia é o conflito em curso no Donbas. Esse conflito faz parte da crise ucraniana e da guerra russo-ucraniana mais ampla. Desde o início de março de 2014, após a Revolução Ucraniana de 2014 e o movimento Euromaidan, protestos de grupos separatistas antigovernamentais apoiados pela Rússia ocorreram nas regiões ucranianas de Donetsk e Luhansk, coletivamente chamadas de região de Donbas (LAKOMY, 2016).

Essas manifestações, que se seguiram à anexação da Crimeia pela Federação Russa em março de 2014 e fizeram parte de um grupo mais amplo de protestos paralelos no sul e no leste da Ucrânia, se transformaram em um conflito armado entre forças separatistas na autoproclamada região de Donetsk (RPD) e a República Popular de Luhansk (RPL) e o governo ucraniano (LAKOMY, 2016).

Embora a maioria dos protestos iniciais tenha sido uma expressão de insatisfação popular com o novo governo ucraniano, a Rússia os usou para lançar uma campanha política e militar coordenada contra a Ucrânia. Cidadãos russos lideraram o movimento separatista em Donetsk de abril a agosto de 2014 e foram apoiados por voluntários e receberam material da Rússia. Com a escalada do conflito em maio de 2014, a Rússia usou uma "abordagem híbrida", empregando uma combinação de táticas de desinformação, combatentes irregulares, tropas russas regulares e apoio militar convencional para desestabilizar a região de Donbas (LAKOMY, 2016).

Segundo o governo ucraniano, no auge do conflito, no verão de 2014, as forças paramilitares russas representavam uma parcela significativa dos combatentes. A Ucrânia lançou uma contraofensiva militar contra as forças pró-Rússia em abril de 2014 chamada "Operação Antiterrorista" de 2014 a 2018 (KOFMAN, 2017).

No final de agosto de 2014, essa operação foi capaz de reduzir o território sob o controle das forças pró-russas e se aproximou de recuperar o controle da fronteira russa-ucraniana. Em resposta, a Rússia abandonou sua abordagem híbrida e lançou uma invasão convencional do Donbas. Entre 22 e 25 de agosto de 2014, artilharia, pessoal e o que a Rússia chamou de "comboio humanitário" cruzaram a fronteira ucraniano-russa. O chefe do serviço de segurança da Ucrânia, Valentyn Nalyvaychenko, caracterizou os eventos de 22 de agosto como uma "invasão direta da Ucrânia pela Rússia", enquanto outras autoridades ocidentais e ucranianas descreveram os eventos como uma "invasão secreta" da Ucrânia pela Rússia (KOFMAN, 2017).

A posição oficial da Rússia sobre a presença de forças russas em Donbas não é clara: embora as autoridades oficiais tenham negado a presença de "forças armadas regulares" na Ucrânia, confirmaram a presença de "especialistas militares" em várias ocasiões. Como resultado da invasão, os rebeldes da RPD e da RPL recuperaram grande parte do território que perderam durante a ofensiva militar anterior do governo ucraniano. Em 5 de setembro de 2014, a Ucrânia, a Rússia, a RPD e a RPL assinaram um acordo de cessar-fogo chamado Protocolo de Minsk (KOFMAN, 2017).

Em 2017, uma média de um soldado ucraniano morto em combate a cada três dias, enquanto o número de tropas russas e separatistas que permaneceram na região é estimado em 6.000 e 40.000, respectivamente. No final de 2017, a missão de observadores da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) contabilizava cerca de 30.000 indivíduos em trajes militares que atravessaram da Rússia para o Donbas nos dois postos fronteiriços autorizados a ser monitorizados (KOFMAN, 2017).

A diplomacia energética, que é uma das "alavancas" da política externa russa, também se mostrou eficaz na Ucrânia. Os projetos *Nord Stream* e *Nord Stream 2* são exemplos disso. Os opositores viam os gasodutos como um movimento da Rússia para contornar os países de trânsito tradicionais (CHYONG, 2010).

De acordo Edward Lucas em seu livro "The New Cold War: Putin's Russia and the Threat to the West," lançado em 2008, argumentou que os defensores do Nord Stream defendem a natureza puramente comercial e direta do projeto, porém seria mais convincente se houvesse maior transparência em suas intenções. Em um relatório publicado pelo Instituto Fridtjof Nansen em 2008, o pesquisador norueguês Bendik Solum Whist observou que a *Nord Stream*

AG estava registrada na Suíça, pois suas leis rigorosas de sigilo bancário tornam o projeto menos transparente em detrimento se fosse sediado na União Europeia (WHIST, 2008).

Desde o início, o *Nord Stream 1* foi visto como uma ameaça ao domínio ocidental, pois a parceria entre a *Nord Stream AG* e a Gazprom permitia que a Rússia fornecesse gás natural barato para a Alemanha e a Europa Ocidental. Isso aumentou a dependência desses países em relação à Rússia e reduziu sua dependência dos Estados Unidos. O *Nord Stream 2*, concluído em 2021, intensificou as tensões entre a Rússia e a OTAN, uma vez que dobrou a oferta de gás barato para a Alemanha. Apesar da oposição dos Estados Unidos, o governo alemão pressionou pela entrada em operação do segundo gasoduto (FETISOV, 2021).

A Rússia argumentou que o gasoduto aumentava a segurança energética da Europa e que as críticas se deviam à indignação com a perda de receitas significativas de trânsito, bem como à perda de influência política que decorre da capacidade dos países de trânsito de manter o fornecimento de gás russo para a Europa Ocidental refém de suas agendas políticas locais. Reduziria a dependência da Rússia dos países de trânsito, uma vez que, pela primeira vez, ligaria diretamente a Rússia à Europa Ocidental. De acordo com Alexey Miller, Presidente da Comissão de Gestão da Gazprom, uma ligação direta com a Alemanha reduziria os riscos nas zonas de trânsito de gás, incluindo o risco político de interromper as exportações de gás russo para a Europa Ocidental (MILLER, 2006).

Em 2021, as relações entre a Federação Russa e a Ucrânia chegaram a um ponto de congelamento. A mobilização de tropas na fronteira e a situação tensa no mundo fizeram com que as potências mundiais tentassem encontrar uma solução. Embora a Federação Russa tenha ameaçado invadir a Ucrânia muitas vezes, seu principal objetivo estava na rota diplomática e não militar. Portanto, pode-se dizer que as propostas apresentadas pelo Kremlin, como garantir a neutralidade da Ucrânia (na qual a Ucrânia seria proibida de ingressar na OTAN), bem como remover as tropas dessa aliança militar dos países do Leste Europeu. Entretanto, a garantia de não expansão da OTAN deve garantir a não expansão da Federação Russa (RODIONOV, 2021).

A verdadeira motivação política que levou o presidente Vladimir Putin a retomar a guerra na Ucrânia não está clara. Existem várias hipóteses levantadas em relação aos objetivos político-estratégicos russos. Uma delas é a preocupação com a expansão da OTAN, que representaria uma ameaça à segurança regional da Rússia, especialmente se a Ucrânia aderir a esse tratado. Além disso, há a questão da suposta independência das províncias ucranianas

de Luhansk e Donetsk, localizadas na região do Donbass, onde há a presença de grupos separatistas pró-Rússia e onde a maioria da população fala a língua russa como língua nativa. Outra hipótese é a necessidade de estabelecer uma conexão terrestre entre a região do Cáucaso e o porto de Sebastopol, na Crimeia, que abriga uma parte significativa da capacidade marítima russa de acesso ao Mar Mediterrâneo (DINIZ, 2022).

A análise desse capítulo leva a comprovação da hipótese apresentada na introdução, bem com as respostas das questões fundamentais emanadas e revela que a visão geopolítica da Rússia, através do governo de Vladimir Putin, embasado na Teoria Geopolítica do Eurasianismo de Dugin interveio na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, baseado na ideia de que tal Estado não possui importância ou singularidade significativa, e que sua anexação foi alicerçada na ideologia eurasianista da Grande Rússia, retomando sua antiga área de influência sob a justificativa de proteger populações de etnia russa para alcançar a defesa de seus interesses na Eurásia. Tendo a Ucrânia, se tornado um ponto de tensão desde as Revoluções Coloridas e principalmente após a Revolução Ucraniana de 2014, culminando com a anexação da Crimeia.

Também cabe relatar que a diplomacia energética observada nos projetos de gasodutos também desempenhou um papel preponderante nas tensas relações entre a Rússia, a Ucrânia e a Europa.

Em meio a esses acontecimentos, as motivações exatas que levaram o presidente Vladimir Putin, sob a ótica do Eurasianismo, a impetrar ações agressivas em relação à Ucrânia não são totalmente claras, ainda havendo várias hipóteses levantadas. Algumas delas incluem preocupações com a expansão da OTAN, a busca de conexões terrestres estratégicas e a influência sobre as províncias de Luhansk e Donetsk.

O cenário geopolítico envolvendo a Ucrânia é complexo e conturbado, com diversas dinâmicas em jogo, incluindo interesses políticos, estratégicos e energéticos.

É importante compreender que a situação envolvendo a Ucrânia é altamente sensível e delicada, e as ações e decisões tomadas pelas nações envolvidas têm consequências significativas para a estabilidade regional e a segurança global.

4 CONCLUSÃO

A partir da análise das teorias geopolíticas clássicas, como a de Halford Mackinder é possível compreender a importância da região eurásiana para a segurança e a estabilidade mundial. O Eurasianismo surge como uma alternativa ao projeto globalista unipolar liderado pelos Estados Unidos da América, que busca a integração dos Estados nacionais no espaço global sob a dominação atlantista e a globalização.

Opondo-se a essa visão simplória de mundo ocidentalista, o Eurasianismo propõe uma nova visão de mundo para as gerações do novo milênio, baseada na união de sociedades e povos para construir um mundo autêntico e original, valorizando as tradições históricas e culturas locais. Nesse sentido, o Eurasianismo é uma teoria geopolítica que busca a construção de um mundo multipolar, em que as nações possam preservar suas próprias estruturas administrativas e soberania formal. Para isso, é necessário o fortalecimento das formações supraestatais regionais, baseadas no histórico civilizacional para gerar comunidades estratégicas.

Após a queda do Muro de Berlim em 1989 e a dissolução da União Soviética em 1991, a Federação Russa, maior detentora territorial, populacional e nuclear do espólio soviético nasceu cheia de incertezas. O mundo da década de 1990 possuía um “grande xerife”, o *Hegemon* americano, portanto alinhar-se a ele parecia bastante plausível, apesar das diferenças ideológicas intrínsecas em suas sociedades, a russa almejava experimentar os prazeres da vida ocidental, dentre eles possuir uma maior liberdade política.

Assim, não causa estranheza que o primeiro governo russo, sob a liderança de Boris Yeltsin estabeleceria a política externa russa visando uma cooperação ocidental para reconstruir o referido país, sendo frustrada devido ao objetivo dos Estados Unidos de enfraquecê-la e expandir a OTAN. Por conseguinte, sob a ótica de seu Ministro das Relações Exteriores Yevgeny Primakov, passou a buscar um mundo multipolar e a impedir o crescimento da OTAN na antiga área de influência soviética. A globalização trouxe novos desafios e atores não estatais ganharam relevância. Novas ameaças desafiaram a ordem ocidental e houve depressão nacionalista e econômica na Rússia na década de 1990.

Com o advento do século XXI, tais ameaças, como o terrorismo, extremismo religioso, xenofobia, questões raciais, violações aos direitos humanos e catástrofes ambientais

passaram a ocupar os governantes das potências ocidentais e a demandar significativas fatias orçamentárias desses Estados.

O ápice da instabilidade ocorreu após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, desencadeados pela Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden, ao território americano.

A partir daquele momento começou a ocorrer um enfraquecimento interno e geopolítico do *Hegemon* ao qual encontrou seu ápice com a crise financeira em seu sistema imobiliário em 2008, a qual se alastrou para todos os continentes.

Possuidor de uma grande visão geopolítica, Putin observou esse enfraquecimento como um momento oportuno para retomada do crescimento russo pautando-se na Teoria Geopolítica do Eurasianismo, tendo Alexander Dugin como seu mentor intelectual, objetivou o protagonismo russo, novamente como superpotência no cenário internacional.

Em complemento às respostas das perguntas fundamentais apresentadas ao final do capítulo anterior e reafirmando a veracidade da hipótese apresentada no capítulo introdutório, ratifico que a Rússia baseada no Eurasianismo vem pondo em prática três estratégias: a estratégia geopolítica, tendo como objetivo a expansão de seu território e acesso ao Mar Negro, a estratégia econômica, objetivando a manutenção dos gasodutos que se encontram na Crimeia e que abastecem a Europa, e, por fim, sua estratégia cultural de proteger aqueles que compartilham da sua cultura na região.

Certamente essa tentativa de aumento de espaço vital é de cunho ideológico opondo-se ao liberalismo ocidental, pois segundo o presidente russo a Ucrânia não possui sentido algum de existir de forma isolada, já que está inserida nas entranhas históricas e culturais da sociedade russa.

Assim, motivado, tanto pelo eurasianismo como pela sua versão Neo, ambas de caráter antiocidentais, enxergam a globalização como uma simples forma dos Estados Unidos e a OTAN tomarem o mundo para si, de maneira a propagar a cultura ocidental por meio de ideologias e estruturas, nele implementando uma ordem moldada aos seus interesses.

Dessa forma, o Neo-Eurasianismo se propõe a salvaguardar a diversidade de valores no mundo multipolar, não podendo existir, portanto, valores universais que, em sua essência, sejam meramente ocidentais.

Por conseguinte, o Eurasianismo praticado pela Rússia, atualmente traz consigo sua identidade pautada no seu contexto histórico ao colocar em prática a busca pelo poder no exterior próximo somada à política multilateral pragmática, porém, é importante aqui

destacar que a essência do Eurasianismo acaba infringindo algumas normas e regras internacionais, enquanto a Rússia busca reconquistar seu poder e território perdidos com o fim da ex- União Soviética.

O Eurasianismo rejeita a visão de que a Rússia está na periferia da Europa e, em vez disso, interpreta a localização geográfica do país como uma razão para uma espécie de "terceira via" messiânica.

Dessa maneira, a anexação da Crimeia à Rússia configurou um marco histórico na geopolítica russa, com Vladimir Putin fazendo jus a uma luta antiga pela estratégica região do Mar Negro, onde se encontra a península da Crimeia (estratégia geopolítica), que dá espaço, também, aos gasodutos russos que abastecem a Europa (estratégia econômica), além de possuir em seu território milhares de russos sendo atingidos pelo governo ucraniano, os quais temem os russos ali instaurados (estratégia cultural).

Parte dessa estratégia econômica russa foi bastante afetada com as explosões dos gasodutos *Nord Stream I* e *II*, em setembro de 2022, as quais causam sérios prejuízos financeiros aos russos e impactam diretamente o fornecimento de gás natural para a Europa Ocidental, especialmente para a Alemanha. A Rússia e o ocidente trocam acusações mútuas sobre a autoria das explosões. Moscou alegou que a turbina avariada não poderia ser reparada pela empresa Gazprom, a qual gerencia a estrutura, em consequência às sanções ocidentais estabelecidas à Rússia logo após intervir militarmente na Ucrânia. Além disso, A União Europeia tratou a resposta russa como um “*blefe*” a fim de chantagear a Europa, utilizando o fornecimento de gás como moeda de troca. Medvedev, ex-presidente e Chefe do Conselho de Segurança Russo, afirmou que o fato do ocidente ter destruído os gasodutos abriu brecha para cortes de cabos submarinos ocidentais.

Com os conflitos nas planícies ucranianas longe de um acordo de paz, o atual governo de Zelensky, que será provavelmente mantido, mesmo após as eleições do próximo ano, está trabalhando forte na geopolítica internacional para aderir à OTAN, logo após o fim das hostilidades. Quanto à Rússia, independentemente de quem estiver no poder, é improvável que suas aspirações eurásianas se enfraqueçam. Até o momento, as ações de Putin têm impulsionado uma OTAN mais forte e uma maior coordenação política, especialmente por parte da União Europeia, algo que provavelmente não era esperado inicialmente. Destacam-se os incrementos nos investimentos em defesa por parte da Alemanha e da Polônia. A Alemanha, sendo a principal força econômica da União Europeia, está direcionando

novamente sua atenção para liderança militar, registrando aumentos nos aportes destinados a esse setor. Por sua vez, a Polônia, localizada na fronteira com o vassalo russo denominado Bielorrússia, tem planos de aumentar o número de efetivos militares no próximo ano. Ademais, ela tem a intenção de elevar o investimento em defesa em meio ponto percentual além do requerido pela aliança militar ocidental, que preconiza o comprometimento de dois por cento do Produto Interno Bruto por parte de seus membros.

Considerando as tensões entre Rússia e Ucrânia, o conflito está relacionado a questões civilizacionais e ideológicas, ligadas às identidades nacionais. No momento, em julho de 2023, está ocorrendo uma contraofensiva ucraniana sob regiões anteriormente dominadas pelos russos. Várias evidências indicam que tais ações estejam ocorrendo de forma lenta e gradual. Entretanto, uma guerra de informações vem aumentando a “névoa” e dificultando a real interpretação das ações em curso. Esse fato foi evidenciado recentemente pelo motim contra o governo russo, supostamente conduzido pelo líder do Grupo paramilitar Wagner. O jogo de narrativas entre o Kremlin e Prigozhin dificultou a compreensão das reais causas e objetivos para a ocorrência de tal evento.

Analisando os fatos citados, uma guerra de baixa intensidade prolongada seria vantajosa para a Rússia, retardando a entrada da Ucrânia na OTAN e resultando em um maior financiamento ocidental ao esforço de guerra ucraniano, no que pese um maior esforço russo em permanecer diversificando seus investimentos, como fortalecer o rublo e estabelecer relações comerciais com os países do BRICS em *Yuan* chinês para minimizar os efeitos dos embargos econômicos ocidentais.

A Ucrânia está ciente da sua importância alimentar e estratégica para este mundo globalizado, logo vem reforçando parcerias primordiais para sua sobrevivência como Estado independente. Os próximos sufrágios presidenciais, em 2024, na Rússia, bem como na própria Ucrânia, tendem a manter suas lideranças. De outra forma, a próxima corrida à Washington traz consigo uma forte polarização, a qual unida às ambições chinesas poderão representar o início do desfecho do Efeito Borboleta desencadeado pelo invasor russo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. **União Eurasiana: o multilateralismo na política externa da Federação Russa nos anos 2010**. 2013. 375 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114398?show=full>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ARBATOVA, N. Three faces of Russia's Neo-Eurasianism. **Survival**, London, v. 61, n. 6, Nov. 2019.

BERRYMAN, J. Russia, NATO enlargement, and “regions of privileged interests”. In: KANET, R. **Russian foreign policy in the 21st century**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarelino. A última reforma da educação Soviética. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 732-765, dez. 2017.

BONFIM, Uraci Castro. **Curso de política, estratégia e alta administração do Exército**. Rio de Janeiro: ECEME, 2005.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The grand chessboard: american primacy and its geostrategic imperatives**. New York: Basic Books, 1997.

CARMONA, Ronaldo G. **Geopolítica clássica e geopolítica brasileira contemporânea: Mahan, Mackinder e a grande estratégia brasileira no século XXI**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11062013-111229/pt-br.php>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CÁUCASO. In: Wikivoyage. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2023]. Disponível em: <https://pt.wikivoyage.org/wiki/C%C3%A1ucaso>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CHAPMAN, T.; ROEDER, P. Partition as a solution to wars of nationalism: the importance of institutions. **The American Political Science Review**, Baltimore, v. 101, n. 4, p. 677-691, Nov. 2007.

CHURRO, João Manuel Barroso de. **A geopolítica enquanto instrumento de afirmação da geopolítica russa**. Dissertação (Mestrado em Estratégia) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6525>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CHYONG, Chi Kong; NOEL, Pierre; REINER, David M. **The economics of the Nord Stream pipeline system**. Cambridge: University of Cambridge, 2010. EPRG Working Paper, 1026.

CIDOB. **Anuario Internacional CIDOB 2010**: Federación Rusa, perfil de país. Barcelona: CIDOB, 2010. Disponível em: http://www.cidob.org/es/publicaciones/serie_de_publicacion/anuario_internacional_cidob/anuario_internacional_cidob_2010_federacion_rusa_perfil_de_pais. Acesso em: 03 jul. 2023.

CORDESMAN, A. H. **Russia and the “Color Revolution”**: a russian military view of a world destabilized by the US and the West. Washington, DC: CSIS, 2014. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russia-and-color-revolution>. Acesso em: 21 jul. 2023.

CORREIA, Pedro Pizarat. **Manual de geopolítica e geoestratégia**. Coimbra: Almedina, 2010a. Volume 1: conceitos, teorias, doutrinas.

CORREIA, Pedro Pizarat. **Manual de geopolítica e geoestratégia**. Coimbra: Almedina, 2010b. Volume 2: análise geoestratégica do mundo em conflito.

CURADO, Pedro. A influência dos estudos geopolíticos alemães para a construção de uma estratégia militar japonesa (1920-1940). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA, 9., 2016, Florianópolis. **Anais [...]**. São Paulo: ABEDF, 2016.

CURSINI, Caio. **A geopolítica na política externa dos dois períodos do governo Lula da Silva (2003-2010)**: o Brasil rumo à potência média? 2018. 181 f. Dissertação (Pós-graduação em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DINIZ, E. Análise preliminar da Campanha da Ucrânia de 2022. **Diplomatizando**, [S. l.], 06 abr. 2022. Disponível em: <https://diplomatizando.blogspot.com/2022/04/prof.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

DUGIN, A. **Fundamentos da geopolítica**: o futuro geopolítico da Rússia. Moscou: Publicado de forma independente, 2017.

DUGIN, Aleksandr. **Eurasian mission**: an introduction to Neo- Eurasianism. [S. l.]: Arktos, 2014.

DUGIN, Aleksandr. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. Lisboa: IEAGCA, 2016. v. 3.

DUGIN, Alexandr. **Geopolítica do mundo multipolar**. Curitiba: Austral, 2012.

DUGIN, Alexandr. **The essentials of geopolitics**. Moscow: Artogheia Tentr, 2000.

EURASIAN UNION. **Eurasian Economic Union**. Moscow, 2022. Disponível em: <http://www.eaeunion.org/?lang=en#about-info>. Acesso em: 17 jun. 2023.

FETISOV, Vadim; TCVETKOV, Pavel; MÜLLER, Johannes. **Tariff approach to regulation of the European gas transportation system**: case of Nord Stream. **Energy Reports**, Amsterdam, v. 7, suppl. 6, p. 413-425, nov. 2021.

FROLOVA, Marina. Los paisajes del Cáucaso en la geografía rusa: entre el modelo científico y la representación socio-cultural. **Cuadernos geográficos**, Merida, v. 38, n. 1, p. 7-29, 2006.

HUNTINGTON, S. P. Choque das civilizações? **Política Externa**, São Paulo, vol. 2, n. 4, mar. 1994.

ISAEV, B. **Geopolitika**: Učebnoe posobie. Moscou: Izdatelskii dom "Piter", 2005.

JACOB, Luísa Eduarda Lous. **A escola geopolítica russa e as suas correntes**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Departamento de Economia Geopolítica/Teoria das Relações Internacionais, Universidade de Évora, Portugal, 2020.

KANET, R. From the “new world order” to “resetting relations”: two decades of US– Russian relations. In: *In*: KANET, R. **Russian foreign policy in the 21st century**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

KAPLAN, Robert. **A vingança da geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KIRCHUBEL, Robert; GERRARD, Howard; DENNIS, Peter. **Operação Barbarossa**. Barcelona: RBA, 2009.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Saraiva, 2012.

KOFMAN, M. **Lições das operações da Rússia na Crimeia e no Leste da Ucrânia**. Santa Mônica: RAND Corporation. 2017.

LAKOMY, Miron. The game of Ukraine: conflict in Donbass as an outcome of the multilayered rivalry. **Politeja**, Krakow, v. 13, n. 45, p. 279-315, 2016.

LARUELLE, Marlène. **Russian eurasianism**: an ideology of empire. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press, 2008. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/publication/russian-urasianism-ideology-empire>. Acesso em: 28 jun. 2023.

LOSANO, Mario. Karl Haushofer (1868-1946): o pai da geopolítica europeia. **Verba Juris**, Lisboa, v. 7, n.7, dez. 2008.

LUCAS, Edward. **The new cold war**: the future of Russia and the threat to the West. 1st ed. New York, N.Y.: Palgrave Macmillan, 2008.

MARCU, Silvia. La geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. **Scripta Nova**: revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Barcelona, v. 11, n. 253, dez. 2007.

MATOS, Dídimo. O neo-urasianismo e o redespertar russo. **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 3, n. 2, p. 71-79, jul./dez. 2012.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 apud CARMONA, Ronaldo G. **Geopolítica clássica e geopolítica brasileira contemporânea**: Mahan, Mackinder e a grande estratégia brasileira no século XXI. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11062013-111229/pt-br.php>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MILLER, Alexey. Gazprom – strategy for the energy sector leadership: speech by Alexey Miller at the Annual General Shareholders Meeting. **Gazprom**, St. Petersburg, 30 June 2006. Disponível em: <https://www.gazprom.com/press/news/miller-journal/2006/99967/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NIKITENKO, A. I. Russia's geopolitical interests through the eyes of “Slavophiles”, “Westerns” and “Eurasians” (Геополитические интересы России глазами «Славянофилов», «Западников» и «Евразийцев»). **Real problems of the humanities and natural sciences** (Актуальные проблемы гуманитарных и естественных наук), [S. l.], n. 9, p. 242-244, 2009.

OLDBERG, I. Aims and means in Russian foreign policy. *In*: KANET, R. **Russian foreign policy in the 21st century**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

RIMLAND theories: geography optional for UPSC (notes). **EduRev**, Panchkula, 2023. Disponível em: <https://edurev.in/t/213235/Rimland-Theories>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RODIONOV, Maxim *et al.* Kremlin accuses West of artificially whipping up Ukraine tensions. **Reuters**, Toronto, 21 Nov. 2021.

RUKAVISHNIKOV, V. Russia’s “soft power” in the Putin Epoch. *In*: KANET, R. **Russian foreign policy in the 21st century**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. O conceito de Geopolítica: uma aproximação histórica e evolutiva (2ª PARTE). **Jornal Defesa e Relações Internacionais**, Lisboa, p. 1-10, 2007.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo**. Curitiba: Prismas, 2014.

SERVICE, R. **The penguin history of modern Russia: from tsarism to the twenty-first century**. 4th. ed. London: Penguin Books, 2015.

SHEKHOVTSOV, A. Aleksandr Dugin’s neo-Eurasianism and the Russian-Ukrainian war. *In*: Bassin, M.; Pozo, G. (ed.). **The politics of Eurasianism: identity, popular culture and Russia’s**

foreign policy. London, UK: Rowman & Littlefield International, 2016. p. 185-204. Disponível em:
https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/438567/mod_resource/content/2/Aleksandr_Dugins_Neo-Eurasianism_and_the.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

SHULIKA, Yulia Evgenievna. The sources and evolution of eurasianism. **Post-Soviet Issues**, Moskva, n. 1, p. 87-97, 2014.

SILVA, Rafael. Política externa russa pós-URSS: da conformidade ao revisionismo. **Revista de Estudos Internacionais**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 79-99, ago. 2017.

SINDELAR, Daisy. Was Yanukovich's ouster constitutional? **RFE/RL**, Prague, 23 Feb. 2014. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/was-yanukovichs-ouster-constitutional/25274346.html>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SOBOLEV, A., SMIRNOV, D. **Moscow**: Evangelicheskaya cerkov cheskih bratev – Egipet. Moscow: Central Scientific Center "Orthodox Encyclopedia", 2008.

SOMIN, Ilya. Russian government agency reveals fraudulent nature of the Crimean referendum results. **The Washington Post**, Washington, DC, 6 May 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/05/06/russian-government-agency-reveals-fraudulent-nature-of-the-crimean-referendum-results/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SOUSA, Danilo Rogerio de. **A contenção da Rússia**: geopolítica, estaticídio e astropolítica. 2019. 493 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOUSA, Danilo Rogerio de. A nova geopolítica russa e o eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 3, n. 2, p. 61-70, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, José Achilles Abreu Jorge. O pensamento geopolítico da Rússia no início do Século XXI e a geopolítica clássica. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 122-146, jun. 2008.

TOSTA, Octavio. **Teoria geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency (CIA). **The world factbook**: Russia. Washington, DC: CIA, 2023. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/russia/>. Acessado em: 02 jun.2023.

VAZ, A. Relações Internacionais em tempos de crise política. *In*: CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL, 6., 2011, Brasília. **Conferência nacional de política externa e política internacional**: relações internacionais em tempos de crise econômica e política: 7 e 8 de dezembro de 2011. Brasília, DF: FUNAG, 2012.

VESENTINI, José Willian. **Novas geopolíticas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

WHIST, Bendik Solum. **Nord stream**: not just a pipeline. Norway: Fridtjof Nansens Institutt, 2008. FNI report 15/2008.

YILMAZ, Muzaffer Ercan. The new world order: an outline of the post-cold war era. **Alternatives**, Türkiye, v. 7, n. 4, p. 44-58, Winter, 2008.